

JONAS JONASSON

O ancião que saiu pela
janela e desapareceu

Tradução de
Bodil Margareta Svensson



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2013

CAPÍTULO I

Segunda-feira, 2 de maio de 2005

TALVEZ VOCÊ PENSE que ele poderia ter se decidido antes e ter sido homem o bastante para comunicar sua decisão àqueles que o cercavam. Mas Allan Karlsson nunca foi de ponderar sobre qualquer coisa por muito tempo.

A ideia mal tinha se firmado na cabeça do velho quando ele abriu a janela do seu quarto, no andar térreo da Casa de Repouso para idosos, em Malmköping, e saiu andando pelo canteiro.

A manobra lhe foi custosa, considerando que, naquele dia, ele completava 100 anos. Faltava menos de uma hora para o início da festa de aniversário, programada para acontecer no salão da Casa de Repouso. O prefeito estaria presente, assim como o jornal local e todos os outros idosos, além do quadro de funcionários completo, comandado pela mal-humorada diretora Alice.

Só o próprio aniversariante não tinha intenção de comparecer.

CAPÍTULO 2

Segunda-feira, 2 de maio de 2005

DE PÉ NO canteiro de flores que se estendia ao longo da lateral da Casa de Repouso, Allan Karlsson hesitava. Vestia um paletó marrom, calças da mesma cor, e metera os pés em chinelos também marrons. Ele não era exatamente um exemplo de estilo, mas, nessa idade, dificilmente alguém o era. Estava fugindo da própria festa de aniversário, outra coisa incomum na idade dele. Até porque poucos chegam aos 100 anos.

Allan cogitou se deveria se dar o trabalho de voltar para dentro pela janela e buscar chapéu e sapatos, mas, quando sentiu que sua carteira estava no lugar, no bolso interno do paletó, se deu por satisfeito. Além disso, a diretora Alice por várias vezes provara ter um sexto sentido (onde quer que ele escondesse a vodca, ela a encontrava), e era bem possível que a essa altura ela já estivesse pressentindo que algo estranho estava para acontecer.

Melhor cair fora enquanto era tempo, pensou Allan, saindo do canteiro com os joelhos estalando. Na carteira, pelo que se lembrava, tinha guardado algumas notas de 100, o que viria bem a calhar porque, decerto, não conseguiria manter-se escondido de graça.

Voltou-se para dar uma última olhada na Casa de Repouso que ele, até agora pouco, acreditara ser sua última residência nesta vida, mas então disse a si mesmo que podia morrer em outra hora e em outro lugar.

O centenário saiu andando nos seus xixinelos (assim chamados porque homens de idade avançada raramente conseguem fazer seu jato de urina chegar a uma distância que ultrapasse os próprios sapatos). Primeiro atravessou um parque, e então seguiu por um campo aberto onde, às vezes, ocorria uma feira, o único evento a

interromper a calma da cidade. Após algumas poucas centenas de metros, ele passou por trás da igreja que datava da Idade Média e era o orgulho da região, sentando-se num banco perto de alguns jazigos para descansar os joelhos doloridos. A religiosidade da região não era fervorosa o bastante para que Allan temesse ser incomodado. Foi quando percebeu que, por ironia do destino, Henning Algotsson, enterrado sob a lápide à sua frente, e ele eram da mesma idade. A diferença fundamental entre os dois era que Henning havia deixado de respirar 61 anos antes.

Se Allan fosse do tipo curioso, poderia querer saber o que causara a morte de Henning, com apenas 39 anos. Mas Allan não costumava se meter na vida alheia, não se pudesse evitar, e geralmente isso era perfeitamente possível.

Em vez disso, ele ficou pensando em como provavelmente estava enganado quando, sentado lá na Casa de Repouso, achava que podia muito bem estar morto agora. Não, não importavam as dores no corpo, era muito mais interessante e emocionante fugir da diretora Alice do que estar deitado sete palmos embaixo da terra.

Com isso, o aniversariante levantou-se, desafiou seus joelhos doloridos, cumprimentou Henning Algotsson e continuou sua fuga malplanejada.

Allan cruzou o cemitério rumo ao sul e parou diante de uma mureta de pedra que havia se colocado em seu caminho. O muro não tinha mais que 1 metro de altura, mas Allan era um centenário, e não um atleta. Do outro lado ficava a rodoviária de Malmköping, e o velho percebeu que suas débeis pernas o levavam em direção a um prédio que podia ser útil. Muitos anos atrás, Allan havia cruzado o Himalaia. *Isto* sim tinha sido uma proeza. O fato veio à sua mente ali, diante do último obstáculo entre ele e a rodoviária. Mergulhou tão fundo na lembrança a ponto de a mureta na sua frente parecer encolher. E quando estava bem baixinha, Allan pulou para o outro lado, mandando a idade e os joelhos às favas.

Malmköping nem de longe é o que se pode chamar de agitada, e este dia ensolarado não era diferente. Allan não tinha cruzado com ninguém desde que, sem mais nem menos, decidira não participar

de sua festa de 100 anos. Quando ele, em seus xixinelos, entrou na sala de espera da rodoviária, ela estava quase vazia. Quase. No meio da sala havia duas fileiras de bancos, encosto contra encosto. Todos os assentos estavam vazios. À direita havia dois guichês, um deles fechado. Atrás do outro, estava sentado um sujeito miúdo com óculos pequenos e redondos, o cabelo ralo penteado para o lado, e ele vestia um colete de uniforme. Lançou um olhar irritado para Allan ao erguer os olhos. Allan pensou que ele talvez estivesse achando a tarde movimentada demais, pois havia outro passageiro na rodoviária. Em um canto da sala havia um jovem esguio, de cabelos longos, louros e enebados, barba rebelde e vestindo uma jaqueta jeans com os dizeres “Never Again” nas costas.

O jovem talvez não soubesse ler, porque estava puxando a porta do banheiro para deficientes como se a placa “Interditado” em letras pretas sobre um fundo laranja nada significasse.

Em seguida, ele tentou a porta ao lado, mas ali o problema era outro. Era evidente que o rapaz não queria se separar de sua enorme mala cinza de rodinhas, mas o banheiro era pequeno demais para ambos. Do ponto de vista de Allan, ou o rapaz deixava a mala do lado de fora enquanto se aliviava, ou metia a mala banheiro adentro, enquanto ele mesmo ficava do lado de fora.

Allan tinha questões mais urgentes com que se preocupar, contudo. Esforçando-se para mover as pernas na ordem correta, dirigiu-se em passos curtos até o guichê do baixinho de óculos para perguntar se por acaso haveria algum transporte público partindo para algum lugar, qualquer lugar, nos próximos minutos; e, caso houvesse, quanto custaria?

O homem parecia cansado. Ele provavelmente se distraiu durante o interrogatório de Allan, porque após alguns instantes perguntou:

— E para onde o senhor acha que quer ir?

Allan respirou fundo, lembrando ao homenzinho que justamente o destino e a forma de viajar eram o que menos importava. Ele queria saber: a) o horário de partida e b) o preço.

O sujeito se calou por uns segundos, enquanto consultava os horários e deixava as palavras de Allan penetrarem em sua cabeça.

— Ônibus 202 parte para Strängnäs daqui a três minutos. Serve? Sim, Allan achou que servia. Em seguida, o baixinho lhe disse que o ônibus sairia do ponto que ficava em frente à rodoviária, e que o melhor seria comprar a passagem diretamente com o motorista.

Allan se perguntou o que o homenzinho do guichê fazia se não vendia passagens, mas nada disse. Era bem possível que o sujeito estivesse pensando a mesma coisa. Allan agradeceu a ajuda e tentou levantar o chapéu que na pressa ele não havia pegado.

O centenário sentou-se em um dos bancos vazios, sozinho com seus pensamentos. A maldita comemoração no asilo iria começar às três da tarde e faltavam apenas 12 minutos. A qualquer momento iriam começar a bater na porta do quarto dele e depois o circo estaria armado. O mero pensamento fez com que ele sorrisse.

Foi então que, de soslaio, percebeu que alguém se aproximava. Era o jovem esguio que arrastava sua enorme mala de rodinhas na direção de Allan. Allan percebeu que o risco de ele ter de conversar com o cabeludo era iminente. Talvez não fosse tão ruim. Quem sabe assim ele ficaria sabendo o que a juventude de hoje pensa a respeito das coisas?

De fato, houve uma conversa, mas distante do nível de elaboração social previsto. O rapaz parou a alguns metros de Allan, parecendo observar o idoso por um breve momento, e então disse:

— Ei.

Allan respondeu em um tom amigável, primeiro desejando-lhe uma boa tarde e, depois, perguntando se podia ajudar em alguma coisa. Sim, podia. O rapaz queria que Allan vigiasse sua mala enquanto ele fazia suas necessidades no banheiro. Ou, nas palavras dele:

— Preciso cagar.

Allan respondeu gentilmente, dizendo que, apesar de velho e decrépito, ainda tinha uma boa visão, e ficar de olho na mala do jovem não parecia ser uma tarefa por demais árdua. Entretanto, recomendou que o rapaz se aliviasse — sem, contudo, usar a terminologia chula do jovem — com certa presteza, porque ele estava esperando um ônibus.

O rapaz não ouviu a última parte porque já estava se dirigindo em passos largos para o banheiro, antes mesmo que Allan tivesse acabado de responder.

O centenário nunca foi de se irritar com as pessoas, mesmo tendo um bom motivo, e tampouco se aborreceu com a falta de educação do jovem. Porém, não sentia simpatia por ele, o que provavelmente teve sua importância no que estava por vir.

Alguns segundos depois que o rapaz fechou a porta do banheiro atrás de si, o ônibus 202 surgiu do lado de fora do terminal. Allan olhou para o ônibus e para a mala, e então novamente para o ônibus e outra vez para a mala.

— Tem rodas — comentou consigo mesmo. — E uma alça para puxar também.

Allan se surpreendeu, tomando uma decisão, digamos, positiva para a vida.

O motorista do ônibus, profissional e muito educado, ajudou o idoso a entrar no veículo com aquela mala enorme.

Allan agradeceu a ajuda e tirou a carteira do bolso interno do paletó. Enquanto isso, o motorista se perguntava se aquele senhor seguiria todo o caminho até Strängnäs. Allan, contudo, concluiu que era melhor ser econômico, e então estendeu uma nota de 50 coroas suecas e perguntou:

— Até onde chego com isto?

Bem-humorado, o motorista comentou que estava acostumado com pessoas que sabiam para onde queriam ir, mas não quanto isso custaria; o caso agora, porém, era exatamente o contrário. Ele olhou a tabela e respondeu que por 48 coroas era possível ir até a estação de Byringe.

Allan achou ótimo. Pegou a passagem e as 2 coroas de troco. O motorista colocou a mala recém-roubada no bagageiro atrás do assento dele, e Allan ocupou um lugar na primeira fileira do lado direito. De lá ele podia ver a janela da sala de espera da rodoviária. Quando o motorista engatou a marcha e o ônibus começou a andar, a porta do banheiro continuava fechada. Allan desejou que o rapaz tivesse um bom momento de conforto lá dentro, imaginando a decepção que se seguiria.

O ônibus para Strängnäs não estava exatamente lotado naquela tarde. No fundo havia uma senhora de meia-idade que embarcara em Flen; no meio, uma jovem mãe que penara para embarcar com suas duas crianças em Solberga, porque uma delas estava no carrinho; e bem na frente um senhor extremamente idoso, que havia embarcado em Malmköping.

Este último estava justamente se perguntando por que havia roubado aquela enorme mala cinza de rodinhas. Talvez porque era possível fazê-lo e porque o dono era um cafajeste? Ou, ainda, porque a mala talvez contivesse um par de sapatos e quem sabe até um chapéu? Ou talvez porque ele, velho, nada tinha a perder? Allan não conseguia chegar a uma conclusão. Quando você está fazendo hora extra na vida, é fácil tomar certas liberdades, ele pensou, enquanto se ajeitava na poltrona.

O relógio marcou três horas quando o ônibus passou por Björkdammen. Por ora, Allan estava muito satisfeito com o desenrolar dos acontecimentos. Assim, fechou os olhos para tirar seu cochilo da tarde.

Neste instante, a diretora Alice bateu à porta do quarto I da Casa de Repouso em Malmköping. E então bateu de novo e mais uma vez.

— Está na hora de parar de inventar moda, Allan. O prefeito e todos os outros já chegaram. Você está me ouvindo? Você não pegou a garrafa de novo, não é? Allan, saia já! Allan?

Também naquele momento, abriu-se a porta do único banheiro em funcionamento na rodoviária de Malmköping, de onde saiu um rapaz duplamente aliviado. Deu alguns passos para o meio da sala de espera, enquanto arrumava o cinto com uma das mãos e passava a outra pelos cabelos. De repente parou, olhou para as duas fileiras de bancos vazios, e então para a direita e para a esquerda. Com isso, exclamou:

— Mas que diabos...!

As palavras lhe fugiram, até que ele conseguiu recuperar a voz.

— Você vai morrer, velho desgraçado. Assim que eu te encontrar.

CAPÍTULO 3

Segunda-feira, 2 de maio de 2005

LOGO DEPOIS DAS três horas da tarde do dia 2 de maio a paz em Malmköping foi abalada por dias. A princípio, a diretora Alice, da Casa de Repouso, ficou mais preocupada que brava, e apelou para a chave mestra. Como Allan não havia feito nada para disfarçar os rastros de sua fuga, foi fácil constatar que o aniversariante havia saído pela janela. Pelas marcas deixadas, ele havia andado para um lado e para outro no canteiro de flores antes de desaparecer.

Por conta do cargo que ocupava, o prefeito achou que deveria assumir o comando, decretando que a equipe deveria fazer a busca em duplas. Allan não podia ter ido longe; o ideal era que se concentrassem na vizinhança. Uma dupla foi enviada ao parque; outra, à loja de bebidas alcoólicas (para onde a diretora Alice sabia que Allan se dirigia de vez em quando); enquanto a terceira procurava nas demais lojas da rua principal e a última foi ao centro comunitário, no alto da colina. O prefeito permaneceria no asilo, para ficar de olho nos residentes que ainda não tinham sumido e pensar no próximo passo. Recomendou aos seus subordinados que fossem discretos, não havia motivo para criar burburinho desnecessário sobre o caso. No meio da confusão generalizada, ele não se lembrou de que, em um dos grupos de busca, estavam a repórter do jornal local e seu fotógrafo.

A rodoviária não entrou na zona de busca inicial do prefeito.

Lá, contudo, um rapaz enfurecido, de constituição física delgada, cabelos longos, louros e enebados, barba rebelde e vestindo uma jaqueta jeans com os dizeres “Never Again”, nas costas, já havia vasculhado todos os cantos do prédio. Como não havia nem

sinal do velho ou da mala, o rapaz se dirigiu em passos firmes ao único guichê aberto, onde se encontrava o baixinho, com o firme propósito de se informar sobre os planos de viagem do velho.

Por mais que estivesse cansado do trabalho, o homem do guichê mantinha certa atitude profissional. Por isso, ele tentou explicar para o bisbilhoteiro que a privacidade dos passageiros não deveria ser comprometida, e acrescentou que de forma alguma ele daria ao jovem qualquer informação sobre os planos de viagem daquele senhor.

Por uns instantes o rapaz permaneceu calado, parecia que tentava traduzir o que o homem do guichê acabara de lhe dizer. Em seguida, deslocou-se uns 5 metros para a esquerda, até a porta nada resistente do escritório. Ele nem se deu o trabalho de verificar se estava trancada. Tomou um impulso e a arrombou com o pé direito, fazendo farpas voarem para todo lado. Nem deu tempo para o baixinho tirar o fone do gancho para pedir ajuda, antes de se ver balançando com as pernas no ar. O rapaz o mantinha suspenso, segurando-o firmemente pelas orelhas.

— Talvez eu não saiba nada sobre privacidade, mas sou muito bom em fazer uma pessoa falar — ameaçou o jovem antes de jogar o homenzinho de volta à cadeira giratória com um estrondo.

Então, o rapaz começou a explicar o que faria com os órgãos genitais do baixinho com a ajuda de um martelo e pregos, caso ele não fizesse o que lhe era pedido. A descrição foi tão rica em detalhes que o sujeitinho decidiu na hora contar tudo o que sabia — ou seja, que o velho em questão provavelmente tinha ido de ônibus na direção de Strängnäs. Se tinha levado alguma mala ou não, o homenzinho não sabia responder, uma vez que não era do tipo que ficava espionando os passageiros.

Ele então se calou para ver se o rapaz estava satisfeito com a informação, mas logo percebeu que precisaria dar mais detalhes. Assim, ele contou que entre Malmköping e Strängnäs havia 12 paradas e que, naturalmente, o velhinho poderia descer do ônibus em qualquer uma delas. Quem saberia mais era o motorista que, de acordo com o quadro de horários, estaria de volta em Malmköping por volta das 19h10 daquele mesmo dia, quando o ônibus voltasse para Flen.

O rapaz sentou-se junto ao baixinho, que estava apavorado e com as orelhas doendo.

— Preciso pensar — disse ele.

E pensou. Pensou que, com certeza, conseguiria arrancar do baixinho o número do celular do motorista, para então ligar para ele e avisar que a mala do velho na realidade era roubada. É claro que dessa forma havia o risco de o motorista chamar a polícia, e isso era algo que o rapaz não queria. Além disso, nem havia tanta pressa assim, já que o ladrão parecia ser tremendamente velho e agora, tendo que carregar uma baita mala consigo, certamente precisaria pegar um trem, ônibus ou táxi caso quisesse continuar a jornada depois de Strängnäs. Consequentemente, deixaria novos rastros e sempre haveria alguém que, pendurado pelas orelhas, estaria disposto a contar para onde o velhinho tinha ido. O rapaz tinha plena confiança em sua habilidade de fazer as pessoas contarem tudo o que ele queria saber.

Concluído o pensamento, o jovem decidiu esperar o ônibus indicado e falar com o motorista, sem se preocupar em ser muito gentil.

Com a decisão tomada, levantou-se novamente, contou ao baixinho o que iria acontecer com ele, sua esposa, seus filhos e sua casa, caso ele contasse para a polícia ou para qualquer outra pessoa o que havia se passado.

O baixinho não tinha mulher ou filhos, mas mesmo assim ele queria muito continuar tendo orelhas e órgãos genitais em condições razoáveis. Portanto, jurou pela sua honra de ferroviário do estado não dizer nadinha a quem quer que fosse.

O juramento foi mantido até o dia seguinte.

As duplas enviadas para a busca voltaram ao asilo, relatando seus resultados, ou a falta deles. Instintivamente, o prefeito não quis envolver a polícia e refletia sobre quais alternativas lhe restavam quando a repórter do jornal local se atreveu a perguntar:

— O que o senhor prefeito pretende fazer?

O prefeito ficou em silêncio por alguns segundos, até que respondeu:

— Chamar a polícia, naturalmente.

Deus!, como ele detestava a imprensa livre.

Allan acordou com o motorista sacudindo gentilmente seu ombro, dizendo que haviam chegado à estação de Byringe. Logo depois, tirou a mala de trás do assento e saiu pela porta da frente, sendo seguido de perto por Allan.

O motorista perguntou se o centenário agora se arranjaria sozinho, ao que Allan respondeu alegando que não era preciso se preocupar. Agradeceu a ajuda e acenou em despedida quando o ônibus retornou à estrada.

Os altos pinheiros bloqueavam o sol da tarde, e Allan começava a sentir um pouco de frio, usando apenas aquele paletó fino e chinelos. Não dava para ver a cidadezinha de Byringe, muito menos a rodoviária. Ao seu redor, só havia bosque, bosque e mais bosque, além de um caminho de terra batida à direita.

Allan pensou na mala que trouxera consigo por impulso; nela talvez encontrasse algumas roupas mais quentes. Mas infelizmente a mala estava trancada, e sem uma chave de fenda ou outra ferramenta não adiantava tentar abri-la. Não tinha opção além de começar a andar, do contrário acabaria congelando e morrendo. E a julgar por experiências anteriores, ele estava bastante certo de que não teria sucesso nem se tentasse. Na parte superior da mala havia uma alça e, puxando por ela, a mala deslizava suavemente sobre as rodas. Allan seguiu em passos curtos pelo caminho de terra batida, arrastando os pés. Atrás dele a mala ia se sacudindo para um lado e para outro.

Depois de umas centenas de metros, Allan chegou ao que pensou ser a estação de Byringe — um prédio desativado junto a uma enorme via férrea, também desativada.

É verdade que ele estava em ótima forma para um centenário, mas aquele dia estava longo demais. Allan sentou-se na mala para juntar tanto as forças como as ideias.

À esquerda estava a velha e desgastada estação de dois andares, pintada de amarelo e com todas as janelas do andar térreo vedadas com tábuas. À direita era possível seguir com os olhos, numa linha

reta, a linha férrea desativada até bem distante, onde ela desaparecia bosque adentro. A natureza ainda não havia conseguido devorar os trilhos por completo, mas era apenas uma questão de tempo.

A plataforma de madeira não parecia ser segura para pisar. Na outra extremidade da estação havia uma placa na qual ainda dava para ler o aviso: “Não ande nos trilhos.” Mas os trilhos são inofensivos, ponderou Allan. Por outro lado, quem em sã consciência iria pisar na plataforma?

A resposta veio na mesma hora, porque naquele exato momento a porta desgastada da estação se abriu e um homem aparentando uns 70 anos, usando quepe, camisa xadrez, colete preto de couro e botas, os olhos castanhos e a barba grisalha por fazer, saiu do prédio em passos pesados. Obviamente, ele confiava no madeiramento da plataforma, considerando as pesadas botas que calçava, e mantinha os olhos fixos no velho à sua frente.

Inicialmente ostentando uma atitude agressiva, o homem logo pareceu mudar de ideia, possivelmente por notar quão decrépito era o ser humano que havia invadido seus domínios.

Allan continuava sentado na mala recém-roubada, sem ter o que dizer ou mesmo forças para falar. Mas ele também olhava firmemente para o homem de quepe, esperando a reação dele, o que não demorou, porém nada tão ameaçador quanto Allan pensou que seria.

— Quem é você e o que está fazendo na minha plataforma? — questionou o homem de quepe.

Allan não respondeu; ele não conseguia decidir se estava lidando com um amigo ou um inimigo. Mas então concluiu que talvez fosse melhor não brigar com a única pessoa nas proximidades e que, quem sabe, talvez até pudesse deixar que ele se abrigasse no prédio antes que o frio tomasse conta da noite por completo. Por isso, decidiu dizer toda a verdade.

Contou que se chamava Allan e que tinha exatamente 100 anos, sentia-se bem para a idade, tão bem que havia fugido do asilo. Além disso, pelo caminho tinha conseguido roubar a mala de um rapaz que, a essa altura, não devia estar muito feliz. Para completar,

contou que naquele momento os joelhos dele não estavam em sua melhor forma e que, portanto, gostaria de dar o passeio do dia por encerrado.

Terminada sua explanação, ele se calou, aguardando o veredicto.

— Então é isso — disse o homem de quepe, que então sorriu.
— Um ladrão!

— Um ladrão velho — disse Allan meio birrento.

O homem de quepe pulou da plataforma com agilidade e se aproximou do centenário, como quem quer olhar mais de perto.

— É verdade que você tem 100 anos? Então deve estar com fome.

Allan não entendeu a lógica do raciocínio, mas ele estava com fome. Perguntou então qual era o cardápio e se havia possibilidade de incluir uma birita para arrematar.

O homem de quepe ofereceu a mão, tanto para se apresentar como sendo Julius Jonsson, como para ajudar o velho a se levantar. Anunciou que carregaria a mala para Allan e que para o jantar havia um assado de alce, se isso fosse do agrado dele. E, claro, haveria birita para aliviar os joelhos e todo o resto.

Com grande dificuldade, Allan subiu na plataforma. Pelas dores, ele teve certeza de que estava vivo.

Havia muitos anos que Julius Jonsson não tinha com quem conversar, de modo que o encontro com o velhinho da mala era muito bem-vindo. Um trago de bebida, primeiro para um joelho, depois para o outro, acompanhados por mais alguns, para as costas, o pescoço e para o apetite, fizeram com que a conversa fluísse facilmente. Allan perguntou do que Julius vivia e teve toda uma história como resposta.

Julius nasceu no norte da Suécia, em Strömbacka, perto de Hudiksvall, e era filho único de Anders e Elvira Jonsson, um casal de fazendeiros. Ele começou a trabalhar como ajudante na fazenda da família e apanhava todos os dias do pai, que achava que ele não servia para nada. Quando Julius completou 25 anos, viu a mãe morrer de câncer, uma perda que ele sentiu imensamente. Logo em seguida morreu seu pai, que afundara no brejo enquanto tentava

salvar uma bezerrinha. Outra grande perda para Julius, que era muito apegado a tal bezerrinha.

O jovem Julius não tinha nenhum talento para ser fazendeiro (até certo ponto o pai estava com a razão), nem sequer vontade. Por isso, vendeu tudo, com exceção de um terreno de alguns hectares de bosque que ele pensava poder ser útil na velhice. Feito isso, foi para Estocolmo, e em dois anos gastou todas as suas economias. E então voltou para o bosque.

Empolgado, Julius entrou numa concorrência da companhia elétrica de Hudiksvall, para fornecer 5 mil postes para cabos de transmissão de eletricidade. Como não se preocupou muito com detalhes, como impostos, encargos sociais e outras taxas, ganhou a concorrência. Com a ajuda de uns dez refugiados húngaros, conseguiu entregar os postes no prazo combinado, recebendo por esse trabalho mais dinheiro que ele imaginava que pudesse existir no mundo.

Até aí tudo bem, mas Julius tinha trapaceado um pouco: as árvores não eram totalmente adultas, e por isso os postes tinham mais ou menos 1 metro a menos do que o contratado. Provavelmente, ninguém teria notado isso, não fosse o fato de quase todos os fazendeiros terem adquirido máquinas de ceifar e enfeixar.

Em um curto espaço de tempo a companhia elétrica fincou postes cruzando os campos e pastos, e quando chegou a época da colheita, numa única manhã a fiação foi arrancada em 26 pontos diferentes, por 22 ceifadeiras recém-adquiridas. Toda a região ficou sem eletricidade por semanas. Plantações foram perdidas e inúmeras máquinas leiteiras pararam de funcionar. Não demorou muito para que a ira dos fazendeiros irrompesse, primeiramente direcionada para a companhia elétrica, mas logo desviada e redirecionada para o jovem Julius.

— Posso te dizer que o slogan “Hudiksvall Feliz” não estava na boca do povo nessa época. Me escondi no hotel da cidade por sete meses e depois disso eu estava novamente sem dinheiro. Mais um trago?

Allan aceitou. Como o assado de alce tinha sido regado a cerveja, ele sentia-se tão bem que estava até ficando com medo da morte.

Julius continuou sua história. Depois de escapar por pouco de ser atropelado por um trator no centro de Sundsvall (dirigido por um fazendeiro com o olhar assassino), ele compreendeu que o lugar não ia esquecer sua trapaça nos próximos duzentos ou trezentos anos.

Então ele seguiu para o norte e acabou em Mariefred, onde cometeu pequenos furtos até se cansar da vida da cidade e encontrar a estação desativada de Byringe, que ele conseguiu comprar por 25 mil coroas que havia encontrado uma noite no cofre do Gripsholm Inn. Agora ele vivia na estação, com subsídio da comunidade, caça ilegal no bosque do vizinho, pequena produção e distribuição de aguardente e o produto da venda de tudo que ele conseguia subtrair dos vizinhos. Não era muito popular na vizinhança, como contou a Allan, e entre uma mastigada e outra o velho respondeu que isso era perfeitamente compreensível.

Quando Julius sugeriu que os dois tomassem a saideira “como sobremesa”, Allan respondeu que esse tipo de sobremesa sempre foi seu fraco mas que, antes de mais nada, ele precisava usar o banheiro, caso houvesse um no prédio. Julius se levantou, acendeu a luz, porque estava escurecendo, e apontou em direção à escada, dizendo que havia um vaso sanitário à direita. Também prometeu que iria providenciar as bebidas para quando Allan voltasse.

Allan encontrou o banheiro onde Julius havia indicado. Posicionou-se para urinar e, como de costume, nem todas as gotas chegaram onde deviam. Em vez disso, algumas acabaram pousando suavemente sobre os xixinelos.

Em algum momento no meio do processo Allan escutou passos na escada. Primeiro pensou que fosse Julius indo embora com a mala roubada. Mas de repente o som aumentou. Alguém estava vindo lá de baixo.

Allan percebeu que havia uma chance de os passos que ele ouvira do lado de fora serem de um jovem esguio, de cabelos longos, louros e enebados, barba rebelde e uma jaqueta jeans com os dizeres “Never Again” nas costas. E, se fosse mesmo ele, provavelmente não seria um encontro agradável.

O ônibus de Strängnäs chegou à rodoviária de Malmköping três minutos antes da hora. Não havia passageiros e o motorista pisou um pouco mais fundo no acelerador depois da última parada, para ter tempo de relaxar, antes de continuar a viagem até Flen.

O motorista mal teve tempo de acender o cigarro antes que um rapaz esguio de cabelos longos, louros e ensebados, barba rebelde e uma jaqueta jeans com os dizeres “Never Again” nas costas aparecesse. Certo, o motorista não podia ver aquela frase naquele momento, mas estava lá de qualquer forma.

— Você está indo para Flen? — perguntou ele meio inseguro para o rapaz, porque havia algo naquele jovem que não parecia certo.

— Eu não vou para Flen. Nem você — foi a resposta que obtive.

Ficar esperando a chegada do ônibus por quatro horas fora demais para a pouca paciência do jovem. Além disso, depois de umas duas horas, ele se deu conta de que se tivesse roubado um carro de imediato poderia ter alcançado o ônibus bem antes de chegar a Strängnäs.

E, para completar, viaturas policiais haviam começado a circular pela cidade. A qualquer hora acabariam chegando também ao terminal e interrogariam o baixinho do guichê; primeiro perguntariam por que ele estava com aquela cara de pavor e, segundo, por que a porta do escritório estava arrombada.

O rapaz não tinha ideia do que levava tantas viaturas a circular pela área. O chefe dele na Never Again havia escolhido Malmköping como centro de operações por três motivos: primeiro, pela proximidade de Estocolmo; segundo, pelo transporte público, relativamente bom; e, terceiro — e mais importante —, o braço da lei nem sempre era suficientemente comprido para chegar até lá. Em poucas palavras, quase não havia policiais em Malmköping.

Ou melhor, não deveria haver, mas hoje o lugar estava infestado deles! O rapaz tinha visto duas viaturas e quatro policiais no total, o que, do seu ponto de vista, era uma multidão.

Ele logo pensou que os policiais estivessem à sua procura. Mas isso pressupunha que o baixinho tivesse dado com a língua nos dentes, e ele tinha certeza de que isso não havia acontecido.

Enquanto esperava o ônibus, o jovem não tinha muito mais o que fazer além de vigiar o sujeito, quebrar o telefone do escritório em mil pedaços e, dentro do possível, tentar remendar a porta.

Quando o ônibus finalmente apareceu e o rapaz viu que não havia passageiros, ele então decidiu, na hora, sequestrar tanto o veículo como o motorista.

Não levou mais de vinte segundos para convencer o motorista a manobrar o ônibus e ir para o norte novamente. Quase particular, pensou o rapaz enquanto se sentava justamente na poltrona onde o velho que ele estava caçando havia sentado um pouco antes.

O motorista tremia de medo, mas se acalmou um pouco com a ajuda de um cigarro. Era proibido fumar no ônibus, mas a única lei que valia para o motorista naquele momento estava sentada diagonalmente atrás dele, e ele tinha um corpo esguio, os cabelos longos, louros e ensebados, barba rebelde e vestia uma jaqueta jeans com os dizeres “Never Again” nas costas.

Durante o trajeto, o jovem quis saber onde o ladrão de idade avançada saltara. O motorista respondeu que o idoso tinha descido na estação de Byringe e que a escolha provavelmente tinha sido feita por acaso. Contou também sobre a forma invertida como ele pediu a passagem, querendo saber até onde daria para ir por 50 coroas suecas.

O motorista sabia muito pouco sobre a estação de Byringe, apenas que raramente alguém saltava ou pegava o ônibus lá. Supostamente, para dentro do bosque, havia uma estação ferroviária, e Byringe mesmo ficava nas proximidades, não muito longe de lá. O velho não deve ter conseguido andar muito mais que isso, calculava o motorista. O homem tinha uma idade bem avançada e a mala era pesada, mesmo tendo rodinhas.

O rapaz ficou mais tranquilo. Ele decidira não telefonar para o patrão em Estocolmo, porque o chefe era do tipo que facilmente apavorava uma pessoa, mais que o próprio jovem. Estremeceu só

de pensar no que o chefe diria se soubesse que a mala havia sumido. Melhor resolver o caso primeiro e depois contar. E já que o velho não seguiu até Strängnäs ou mais adiante, ele recuperaria a mala muito mais rápido do que havia imaginado.

— É aqui — anunciou o motorista. — Aqui é o ponto da estação de Byringe.

Ele manobrou o ônibus lentamente para o acostamento, imaginando se naquele momento ia morrer.

Logo descobriu que ainda não era hora, ainda que seu celular não tenha tido a mesma sorte, encontrando uma morte rápida, sob as botas do rapaz. E uma série de ameaças relacionadas à família pululava da boca do jovem, no caso de o motorista pensar em falar com a polícia em vez de dar meia-volta com o ônibus e seguir para Flen.

O rapaz saltou, deixando que ônibus e motorista seguissem viagem. Mas o pobre do motorista estava tão aterrorizado que não conseguia manobrar, e seguiu em frente até Strängnäs. Estacionou no meio da rua Trädgårdsgatan e em estado de choque entrou no bar do hotel Delia, onde esvaziou quatro copos de uísque num piscar de olhos. Em seguida, para espanto do barman, começou a chorar. Depois de mais duas doses, o barman lhe ofereceu um telefone, caso ele quisesse falar com alguém. Nesse momento o motorista voltou a chorar — e ligou para a namorada.

O rapaz pensou que conseguiria ver o rastro de uma mala de rodinhas na estrada de terra. Logo isso seria um assunto resolvido. Tanto melhor, porque já estava começando a escurecer.

Por alguns momentos o jovem desejou que tivesse se organizado melhor. Ele se deu conta de que estava no meio de um bosque e ficava cada vez mais escuro; não ia demorar até que tudo se tornasse negro como breu. Nesse caso, o que faria? Seus pensamentos foram abruptamente interrompidos quando ele avistou uma construção antiga, amarela, parcialmente fechada, junto ao pé da colina. Quando alguém acendeu uma luz no andar de cima do prédio, o jovem murmurou:

— Te peguei, velho.

Allan subitamente interrompeu o que estava fazendo. Abriu cuidadosamente a porta do banheiro e tentou escutar o que se passava na cozinha, logo confirmando o que não queria saber. Ele reconheceu a voz do rapaz, que berrava para que Julius Jonsson dissesse onde o “outro velho desgraçado” se escondia.

Allan se aproximou silenciosamente da porta da cozinha, graças a seus chinelos. O jovem havia aplicado em Julius a mesma pegada nas orelhas que horas antes havia praticado com o baixinho da rodoviária de Malmköping. Enquanto sacudia o pobre Julius, continuava o interrogatório. Allan achava que o rapaz já devia ter se dado por satisfeito por ter achado a mala, que se encontrava no meio da sala. Julius fez uma careta mas não esboçou nenhum sinal de que iria responder. O centenário concluiu que o velho comerciante de madeira era bem durão, e procurou no hall algo que lhe servisse de arma. Entre o entulho ele encontrou alguns objetos viáveis: um pé de cabra, um pedaço de madeira, uma lata de spray para matar insetos e um pacote de veneno para ratos. Primeiro Allan pensou no veneno, mas não conseguia imaginar como iria fazer para o rapaz ingerir uma colher ou duas. O pé de cabra, por outro lado, era pesado demais para um centenário, e o spray para matar insetos... bom, não, tinha de ser a madeira.

Allan segurou a arma com firmeza e, com quatro passos incrivelmente rápidos para a idade, ele se encontrava atrás de sua pretensa vítima.

O jovem deve ter pressentido que Allan estava lá porque, justo quando o velho mirava para bater, ele soltou Julius Jonsson e deu meia-volta.

A tábua o acertou bem no meio da testa, e ele ficou olhando, por meio segundo, antes de cair de costas e bater com a cabeça no canto da mesa da cozinha.

Nada de sangue, nem gemido, nada. Ele só ficou estendido lá, agora com os olhos fechados.

— Bom trabalho — elogiou Julius.

— Obrigado — respondeu Allan. — Onde está aquela sobremesa que você prometeu?

Os dois sentaram-se à mesa da cozinha enquanto o jovem cabeludo dormia aos pés deles. Julius preparou os tragos, deu um copo para Allan e levantou o seu para um brinde, logo sendo acompanhado pelo centenário.

— Então? — começou Julius depois que esvaziaram seus copos. — Suponho que ele seja o dono da mala.

A pergunta era mais uma constatação. Allan percebeu que estava na hora de explicar uma coisinha ou outra de forma mais detalhada.

Não que houvesse muito para explicar. Para Allan, estava difícil de entender tudo que havia acontecido durante o dia. Novamente ele contou sobre a fuga da Casa de Repouso, falou do roubo casual da mala na rodoviária de Malmköping e da preocupação a respeito do rapaz que estava desmaiado no chão, mas que logo estaria no seu encaixo. Pediu sinceras desculpas para Julius, sentado com as orelhas vermelhas e doloridas. Mas Julius discordou, dizendo que Allan não devia ficar pedindo perdão quando finalmente havia surgido um pouco de agitação na vida do outro.

Julius estava de volta à velha forma. Ele achou que era hora de darem uma olhada naquela mala. Quando Allan lembrou que ela estava trancada, Julius lhe disse para parar de falar bobagem.

— Desde quando uma fechadura impediu Julius Jonsson? Mas tudo a seu tempo — acrescentou ele.

Primeiro tinham de resolver o problema que estava no chão. Não seria nada bom se o rapaz acordasse e continuasse de onde tinha parado, antes de apagar.

Allan sugeriu que eles o amarassem numa árvore do lado de fora da estação, mas Julius se opôs, porque, se o jovem começasse a gritar, daria para ouvir na cidade. É verdade que não havia mais que um punhado de famílias, mas todas tinham bons motivos para ter certa reserva contra Julius, e se lhes fosse dada a oportunidade, com certeza ficariam do lado do rapaz.

Julius teve uma ideia melhor. Perto da cozinha ele tinha uma câmara frigorífica na qual guardava as peças de carne dos alces que abatia. No momento o lugar estava fechado e sem alces. Julius não queria ligar a refrigeração à toa porque gastava muita energia. É bem verdade que a ligação era clandestina, a Gösta da Cabana do Bosque era quem pagava a conta, mas o uso tinha de ser moderado se a gente quisesse ter sempre acesso ao benefício.

Allan inspecionou a câmara desligada e achou que seria um ótimo lugar para manter alguém preso e sem conforto desnecessário. O tamanho de 2 por 3 metros talvez fosse mais do que o rapaz merecia, mas também não havia motivo para judiar das pessoas sem necessidade.

Os dois velhos arrastaram o jovem para dentro da câmara frigorífica. Ele gemeu quando o colocaram sobre uma caixa virada em um dos cantos, apoiando seu corpo contra a parede. Parecia que ele estava prestes a acordar. Melhor sair depressa e trancar bem a porta.

Dito e feito. Em seguida, Julius colocou a mala sobre a mesa da cozinha, estudou o fecho, lambeu o garfo com o qual havia jantado o assado de alce com batatas cozidas e em alguns segundos o fecho estava destrancado. Ele convidou Allan para acabar de abri-lo, dizendo que o dono do produto do roubo era realmente Allan.

— Tudo que é meu, é seu — alegou Allan. — Vamos dividir o roubo igualmente, mas se tiver um par de sapatos do meu tamanho, eu quero.

E Allan levantou a tampa.

— Mas que diabos...? — questionou Allan.

— Mas que diabos...? — ecoou Julius.

— Me tirem daqui! — gritava a voz que vinha da câmara frigorífica.